

## RESENHA

### **Bíblia e Sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica**

Júlio Cesar Tavares Dias<sup>1</sup>

 10.21665/2318-3888.v5n10p282-289

Há um renovado interesse pelo tema da sexualidade. Esse interesse deve-se em parte à luta por visibilidade daqueles cuja orientação sexual não se encaixa nos padrões de uma sociedade heteronormativa. Renovados também os interesses acadêmicos que abordam as relações entre sexualidade e religião. Renovadas também são as polêmicas em volta do tema: “ideologia de gênero”, “cura gay”, PL 122, “mordaza gay”... Nessas polêmicas é comum ver a atuação de religiosos (principalmente evangélicos) ligados a um discurso conservador de direita e atuação na esfera legislativa da bancada evangélica, ou “bancada da Bíblia”.

Entre as grandes religiões monoteístas prevalece uma visão legalista e uma leitura fundamentalista que dão sustentação ao patriarcado e encaram a sexualidade principalmente sob a ótica do “pecado”. Por isso vale salientar e frisar desde já que não é este o caso do livro que resenhamos. Organizado por Carlos Calvani, conta com dezesseis artigos de treze diferentes autores divididos em três blocos já anunciados no título: abordagens bíblicas, teológicas e pastorais. Esta divisão em três partes pareceu-nos bastante didática. Calvani é teólogo, de ampla produção teológica, é professor do Núcleo de Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe. Ele próprio esteve até recentemente à frente da Missão da Inclusão em Campo Grande, Mato Grosso, uma comunidade anglicana que vive o carisma da inclusividade. Na verdade, a maior parte

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela UFJF. Bolsista CNPQ. Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Bacharel em Filosofia pela UFPE. Licenciado em Letras pela UPE. Professor da Rede pública estadual de Pernambuco. E-mail: juliocesartdias@hotmail.com.

dos colaboradores deste livro fazem parte da Igreja Anglicana, posto que uma considerável parte dos artigos foi apresentada no Simpósio Religião, Cultura e Sexualidade, promovido pela Paróquia Anglicana do Bom Pastor, em Salvador – BA, durante os dias 23 a 25 de outubro de 2009. Outros articulistas estão ligados às denominações luterana e presbiteriana. Todos os articulistas estão ligados ao mundo protestante, mais especificamente à sua ala chamada de *progressista* ou *liberal*.

A primeira parte, **Abordagens Bíblicas**, é composta por cinco artigos, três deles têm como objeto o livro de Cântico dos Cânticos. O primeiro artigo, **Uma abordagem teológico-antropológica da sexualidade na Bíblia**, de Humberto Maiztegui Gonçalves, providencia um quadro geral dos “modelos” de sexualidade que aparecem na Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento. Ressalva que “O sentido dado à palavra ‘modelo’ neste estudo não significa que a Bíblia proponha ‘paradigmas’ de sexualidade mas que, estudando os textos bíblicos, inferimos certas características que indicam como era a relação interpessoal e de gênero na sexualidade vivida e registrada em diferentes momentos da sua história” (p. 24). No Antigo Testamento, há o modelo procriativo patriarcal (Gênesis 12 a 50), o modelo poligâmico monárquico (em I e II Samuel, I e II Reis e I e II Crônicas), o modelo moralista e legalista (em Levítico e Êxodo) e o modelo erótico-afetivo, cuja maior expressão está no Cântico dos Cânticos. Este modelo erótico-afetivo “não deixa dúvidas de que a sexualidade é dom de Deus” (p. 17). Quanto ao Novo Testamento, o autor examina como nos Evangelhos são vistos os temas da sexualidade, do pecado e do acolhimento e o tratamento da ética sexual nas epístolas paulinas. “Como entender o subsídio oferecido pela bíblia para a sexualidade humana?”, pergunta o autor à guisa de conclusão, e conclui apresentando o principal princípio orientador para a vivência da sexualidade, seja em qual for a época: o Amor, sendo contraditório que “em nome de uma ‘moral’ se proíba o amor sincero que respeita a dignidade e constrói a felicidade de quem o vivencia” (p. 23).

O primeiro artigo dá-nos uma visão panorâmica do tema da sexualidade na Bíblia, o que justifica a escolha dele para abrir o livro. Já o segundo capítulo, de Dalmer Palmeira Rodrigues de Assis, **A desconstrução da homossexualidade em Levítico**, foca apenas dois versículos da Bíblia: Levítico 18.22 e 20.13, os versículos frequentemente

citados pelos fundamentalistas para condenar a vivência homossexual. Portanto, é frequente que as comunidades inclusivas tenham que abordar esses versículos a partir de uma nova exegese para justificar seu *ethos* de acolhimento e para libertar os que vêm a elas tolhidos pela culpa. O que se descontrói, então, não é o texto bíblico, mas “a má interpretação do texto bíblico” (p. 61). Embora apenas aborde dois versículos, é o capítulo mais longo do livro. O que o autor defende no artigo após longo trabalho exegético é que nestes dois versículos “Fala-se contra a violência sexual, contra o abuso sexual, contra a mistura das categorias sexuais bem como sociais, contra a assimilação de práticas semelhantes aos povos vizinhos, contra destruição da família, mas não se fala contra o relacionamento unissexual masculino ou feminino” (p. 67).

Em seguida, temos três artigos que tomam como objeto o Cântico dos Cânticos. O primeiro deles, **Um olhar indiscreto e desconstrutivo sobre as interpretações do Cântico dos Cânticos**, de Humberto Maiztégui Gonçalves, novamente faz um quadro abrangente das várias interpretações feitas sobre o Cânticos dos Cânticos e as leituras desconstrutivas na América Latina, além de abordar alguns problemas clássicos da leitura do livro, como a autoria, o contexto histórico e se deve ser entendido o Cântico como uma unidade ou uma compilação de vários poemas. Já o texto de Calvani, **Cantares – notas erótico-exegéticas**, foi um texto utilizado pela primeira vez em um encontro de jovens e depois usado em várias paróquias em encontros de casais, grupos de jovens e até mesmo de terceira idade, o que o faz um texto bastante acessível ao leitor sem conhecimento do meandro teológico. Lembra inicialmente que Cantares é um livro relegado na liturgia da Igreja, um livro cuja “interpretação sofre condicionamentos derivados de certo consenso moral que se esquiva de algumas passagens, pelo incômodo que causam” (p. 117). Como era um texto para encontros cristãos de estudos bíblicos, a proposta inicial era que as diferentes passagens abordadas fossem inicialmente distribuídas em pequenos grupos para leitura e posterior discussão no grupo maior. O texto de Elias Vergara é o mais provocativo, pois apresenta o livro bíblico como **Cântico dos Cânticos: literatura pornográfica dos pastores e pastoras de outrora**. É um título que assusta os mais pudicos. O texto de Vergara fora encomendado por uma revista, mas depois recusado à publicação, tal a polêmica que ele causa. Conta-nos

Vergara que o primeiro passo que deu para ter inspiração para escrever seu artigo foi uma busca de imagens na internet com a palavra Cantares e verificou que “Não há quase nenhuma representação iconográfica deste belo livro bíblico” (p. 136). Justifica o título de seu artigo ao explicar que pornografia se refere a textos ou imagens que remetem a “uma sexualidade proscrita, a uma sexualidade desencaixada, a uma sexualidade marginal” (p. 137). Segue numa leitura intertextual com uma letra de música de Rita Lee e um poema de Elisa Lucinda. Na opinião do autor, não se fala em sexo no meio da cristandade pois “a prática livre da sexualidade promove a libertação mais ampla do ser humano” (p. 139).

Na segunda parte, **Abordagens Teológicas**, há quatro artigos. O texto de Calvani, **Gemidos da Criação e arrepios da Teologia – sussurros éticos nos ouvidos da Igreja**, foi primeiramente uma palestra proferida no ano de 2002 na I Consulta Nacional sobre Sexualidade Humana na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, e que causou várias discussões no seio desta instituição, inclusive embates com o Bispo Robinson Cavalcanti que terminou liderando um cisma no ano de 2005. Reconhece Calvani que “Somos herdeiros de uma longa tradição de desconfiança para com a sexualidade e tudo que ela envolve” (p. 147), e segue citando pontos dessa tradição, tanto na história do Cristianismo quanto em autores mais recentes do mundo evangélico como Jaime Kemp e o casal Tim e Beverly LaHaye. O capítulo seguinte de Cláudio Carvalhaes, **Pobre não tem sexo – a ausência dos discursos de sexualidades na construção da noção de subjetividade na Teologia da Libertação**, denuncia um vazio na Teologia da Libertação: a libertação é pensada apenas em termos econômicos, esquecendo de ver o pobre, que ela elege como sujeito privilegiado do fazer teológico, em sua totalidade. Outros problemas da Teologia da Libertação apontados são sua dependência das ciências sociais e a composição de seus teólogos, majoritariamente homens brancos e celibatários. Passa então a apreciar a contribuição de três teólogos protestantes para os discursos do corpo e do sexo na Teologia da Libertação: Rubem Alves, Jaci Maraschin e Marcella Althaus-Reid.

O capítulo escrito por Jaci Maraschin, **A Face Sagrada de Eros: Religião e Corpo**, trata o tema da sexualidade na perspectiva estética. É o mais filosófico dos capítulos do

livro, assim vamos sendo conduzidos por Parmênides, Heráclito, Baudelaire, Aristóteles, Platão, Tomás de Aquino, Jean-Paul Sartre, Immanuel Kant, George Bataille, Julia Kristeva e Maurice Merleau-Ponty. Maraschin situa o sagrado no campo do indizível: “o sagrado representa a negação da posse. Ele não é controlado nem se deixa manter sob controle, não é de ninguém e não ocupa lugar algum” (p. 233). Para Maraschin, “Esta face sagrada é a face de Eros” (p. 238). E ao passo que o “Deus escolástico não seria capaz de amar porque ‘era ato puro’ [...] o Deus bíblico estava cheio de paixão” (p. 241).

**Religião, cultura e homossexualidade** é escrito por André Musskopf, um dos nomes da teologia *queer* no Brasil. Inicia com a Parábola do Filho Pródigo contada a partir do ponto de vista gay. O autor nos guia por um percurso histórico das formas como a homossexualidade foi encarada e, a partir da Revolta de Stonewall, do surgimento de movimentos gays de luta por direitos, também lembra o autor dos primeiros dias da epidemia de AIDS, nos anos 80, vista inicialmente como uma “peste gay”. “As limitações de categorias como gay e lésbica e, ao mesmo tempo, a maior presença e visibilidade das diferentes construções identitárias no interior do próprio movimento social” (p. 256) levaram a uma nova forma de referir-se a si mesmos: “queer”. Embora “a resposta mais comum de pessoas LGBT com relação ao tema da religião é o abandono das instituições religiosas” (p. 259), desde a primeira metade do século XX vai ganhando espaço uma nova forma de fazer teologia: a teologia homossexual.

Abre a terceira parte do livro, **Abordagens Pastorais**, o texto de Calvani, **A Criação ainda geme e a teologia ainda se arrepia – a discrepância entre a ética sexual das igrejas e o incontrolável desejo dos seres humanos**. O autor relembra os primeiros passos tendo que encarar o tema da sexualidade no seio da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Revisando pesquisas vai observando que grande parte dos cristãos agem ou já agiram contrariando as interdições de suas igrejas, contradição que “pode gerar algumas disfunções” (p. 272), por isso é necessário “combater a associação imediata que sempre se faz entre sexo e pecado” (p. 279). No artigo de Daniela Borja Bessa, **A Batalha Espiritual e o Erotismo**, somos transportados a ver o problema no meio neopentecostal, onde embora o feminino seja “objeto constante de demonização [...] é o feminino o principal difusor do movimento de batalha espiritual. As mulheres

são suas principais lideranças e suas ardorosas difusoras” (p. 287). Já o texto seguinte de Pedro Triana apresenta-nos o problema entre os anglicanos: **Não julgue... somente compreenda – A Comunhão Anglicana e a sexualidade humana**. Somos apresentados primeiramente ao *ethos* anglicano de diversidade e compreensibilidade e ao seu modo de fazer teologia partindo do pilar Escrituras, Tradição e Razão, em seguida a caminhada histórica dessa família cristã com o tema da sexualidade desde a Conferência de Lambeth de 1988 até a sagração de Gene Robinson como bispo de New Hampshire, nos Estados Unidos, a partir de quando diversas opiniões da ala conservadora ameaçam a harmonia da Comunhão Anglicana. Estranhamente, “Por que não há em nossa Comunhão uma reação global e com a mesma força com a que se focaliza o assunto da orientação sexual contra o genocídio que se faz contra o Afeganistão, o Iraque e o povo palestino?”, questiona Triana (p. 308).

Segue **Sobre Sexualidade e o pecado da homofobia**, de Celso Franco, bispo aposentado da Diocese Anglicana do Rio de Janeiro, onde se questiona “Não seria o verdadeiro pecado a homofobia, ao invés da homossexualidade? Pode-se curar a homofobia?” (p. 324). Psicanalista de formação, Celso Franco nos guia a começar por Freud a perceber a existência de “dados científicos, cada vez mais convincentes, de que a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, não podem ser consideradas por si só uma doença, perversão ou patologia” (p. 323), para então questionar “Face a dados científicos abundantes hoje em dia, como deve ser a reação da Igreja?” (p. 324). O texto de Celso Franco veio a público pela primeira vez à conferência *Full Inclusion*, em Chicago no ano 2007. Gottfried Brakemeir, em **Igrejas e homossexualidade – ensaio de um balanço**, trata do tema dentro do mundo luterano, lembra que “da grande maioria das Igrejas luteranas, porém, espalhadas por este mundo afora, falta até o momento, um pronunciamento representativo” (p. 326). Nas igrejas históricas, como a luterana, a caminhada com esse tema tem sido oscilante, ora de avanços ora de recuos. O texto de Gottfried Brakemeir veio pela primeira vez a público durante a Semana Teológica da Escola Superior de Teologia – EST, em São Leopoldo, no ano de 1998.

O penúltimo capítulo volta a conduzir-nos ao seio da Comunhão Anglicana. O texto **Uma Catequese sobre a homossexualidade** foi escrito pelos bispos John Spong, dos

Estados Unidos, e Peter Lee, da África do Sul, a pedido do Arcebispo de Cantuária, George Carey, e apresentado na Conferência de Lambeth de 1998. Na época, como até agora, a Comunhão Anglicana se vê em meio a discussões acaloradas em torno do tema da aceitação de pessoas gays como membros e sua possível ordenação, bem como da Bênção de casais do mesmo sexo. O último texto é de autoria de Calvani, **Te(n)sões no ministério – um desafio à ética profissional**, lembra-nos que os membros das igrejas costumam ter uma visão assexuada de seus pastores (p. 366) ao mesmo tempo que são “vistos como representantes do sagrado, veiculadores de bênçãos e cuidado espiritual, intérpretes autorizados das Escrituras e orientadores éticos” (p. 372). Entende-se o pastor como um profissional da ajuda que lida com assuntos da subjetividade e da religiosidade (p. 374), mas “dentre os profissionais de ajuda, os pastores e pastoras são especialmente vulneráveis a um envolvimento sexual com seus paroquianos, assistentes ou com pessoas que buscam aconselhamento pastoral” (p. 368). E numa analogia com a profissão médica vão se delineando critérios de uma ética pastoral e elencando as condições para que um envolvimento entre um líder religioso e a pessoa que procura seus serviços espirituais seja considerado como tendo consentimento válido.

Recomendamos o livro *Bíblia e Sexualidade* para todos os interessados no tema da sexualidade e sua relação com a religiosidade, mais precisamente aos que estão interessados em ver como este tema tem sido discutido no meio cristão, principalmente protestante e evangélico. O livro ao trazer textos que foram escritos em momentos cruciais da caminhada de diferentes igrejas cristãs com o tema da inclusão acaba por apresentar importante testemunho histórico dos avanços da cristandade com o tema da sexualidade humana. Agora quando há uma campanha movida por alas conservadoras da sociedade contra o que têm identificado como “ideologia de gênero”, querendo banir a possibilidade de discutir temas relacionados a gênero e à diversidade sexual em sala de aula uma nova edição do livro organizado por Calvani seria mais do que bem-vinda.

## Referências

CALVANI, Carlos Eduardo (org.). **Bíblia e Sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

*Recebido em 12/07/2017*  
*Aprovado em 24/12/2017*